

Zoom in, zoom out – a fotografia da arquitetura moderna e os contextos do modernismo e da modernização

Zoom in, zoom out – modern photography and modernism and modernization circumstances

Zoom in y zoom out – la fotografía de la arquitectura moderna y los contextos del modernismo y de la modernización

Ana Carolina BIERRENBACH

Mestre (PPGAU-UFBA – 2001); Doutora (ETSAB-UPC – 2006; atualmente é Professora Adjunta da FAU-UFBA e Professora Colaboradora do PPGAU-UFBA; acbierrenbach@gmail.com

RESUMO

O artigo apresenta duas publicações que difundem a arquitetura moderna soteropolitana – são a *REVISTA TÉCNICA* e o *CATÁLOGO DA CIA. BRASILEIRA IMOBILIÁRIA DE CONSTRUÇÕES* – para realizar ponderações sobre a utilização das fotografias de arquiteturas modernas nas circunstâncias do modernismo e da modernização. O texto aponta como essas fotografias são expostas, quais são as suas características intrínsecas – como são seus enquadramentos, o que é destacado e o que é ocultado, como são tratados seus volumes, planos e linhas, como são apresentadas suas luzes e sombras. O texto se refere à inserção das fotografias nas publicações – as suas características tipográficas, as suas disposições e as suas legendas explicativas. Assinala ainda a existência de outras informações que possam interferir na apreensão das fotografias. Trata da existência de fotografias que são inseridas em publicidades e que assumem características diferenciadas por serem usadas para a promoção de determinados materiais ou técnicas construtivas. O artigo também apresenta e examina o contexto da produção dessas publicações – quem são os seus redatores, editores e patrocinadores (não há referências sobre os fotógrafos). Indica que relações essas fotografias estabelecem não apenas com o contexto soteropolitano, mas também com relação o modernismo e a modernização como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura moderna, fotografia, modernização e modernismo.

ABSTRACT

This paper presents two publications that disseminate modern architecture in Salvador – the REVISTA TÉCNICA and the CATÁLOGO DA CIA. BRASILEIRA IMOBILIÁRIA DE CONSTRUÇÕES – to make some notes concerning the use of photographs of modern architecture in the circumstances of modernism and modernization. The article shows how this photos are exposed, which are their intrinsic characteristics – how are they framed, what is highlighted and what is hidden, how are their volumes, planes and lines treated, in which ways are presented its lights and shadows. The paper mentions the characteristics of the inclusion of the photographs in these publications, their typographic features, their position in the

pages, their explanatory captions. The article also includes other information that might interfere with the apprehension of the photographs. It shows how these photographs are used as means to promote some materials or some construction techniques. Another issue mentioned is the context of these publications – who are the editors, the writers and the sponsors (there are few references about the photographers). The paper indicates that these photographs establish relations not only with the local context, but also with modernism and modernization as a whole.

KEY-WORDS: *modern architecture, photography, modernization and modernism*

RESUMEN:

El artículo presenta dos publicaciones que difunden la arquitectura moderna soteropolitana – la REVISTA TÉCNICA y el CATÁLOGO DA CIA. BRASILEIRA IMOBILIÁRIA DE CONSTRUÇÕES – para reflexionar sobre la utilización de la fotografía en las circunstancias del modernismo y de la modernización. El texto apunta como las fotografías se exponen, cuáles son sus características intrínsecas, sus encuadres, lo que se destaca y lo que se oculta, cómo se tratan sus volúmenes, planos y líneas, cómo se presentan sus luces y sombras. El artículo examina la inserción de las fotografías en las publicaciones, sus disposiciones, sus características tipográficas, sus leyendas explicativas. Apunta la existencia de fotografías que se insieren en anuncios para la promoción de materiales o técnicas constructivas. El artículo también presenta y analiza el contexto de la producción de las publicaciones – quiénes son sus escritores, editores y patrocinadores (no hay referencias a los fotógrafos). Señala que estas fotografías establecen relación no sólo con el contexto local, sino también con los contextos más amplios de la modernidad y de la modernización.

PALABRAS-CLAVE: *arquitectura moderna, fotografía, modernización y modernismo*

1 INTRODUÇÃO:

O artigo apresenta duas publicações que difundem a arquitetura moderna em território soteropolitano – uma revista e dois catálogos – para realizar ponderações sobre a utilização das fotografias de arquiteturas modernas nas circunstâncias do modernismo e da modernização. O texto aponta como essas fotografias são expostas, quais são as suas características intrínsecas – como são seus enquadramentos, o que é destacado e o que é ocultado, como são tratados seus volumes e planos, como são apresentadas suas luzes e as sombras. O texto se refere à inserção das fotografias nas publicações – as características das suas disposições, das suas legendas e das características tipográficas dos seus textos. Assinala ainda a existência de outras informações que possam interferir na apreensão das fotografias. Trata da existência de fotografias que são inseridas em publicidades e que assumem características diferenciadas por serem usadas para a promoção de determinados materiais ou técnicas construtivas. O artigo também apresenta e examina o contexto da produção dessas publicações – quem são os seus redatores, editores e patrocinadores (praticamente não há referências sobre os fotógrafos). Indica que relações essas fotografias estabelecem não apenas com o contexto soteropolitano, mas também com relação o modernismo e a modernização como um todo.

As publicações utilizadas para a elaboração deste artigo são os números 1 a 27 (1941 a 1948) da REVISTA TÉCNICA e dois volumes do CATÁLOGO DA CIA. BRASILEIRA IMOBILIÁRIA DE CONSTRUÇÕES referentes aos anos de 1946 e 1949. Embora se tratem de duas publicações diferentes, em ambos os casos o seu diretor é o mesmo – Ernani Caricchio – o que implica na utilização de algumas fotografias em ambas publicações e determinados procedimentos que se repetem.

As fotografias das duas publicações mostram facetas diferenciadas da arquitetura moderna soteropolitana: aparecem principalmente edifícios neocoloniaisⁱ, *déco*ⁱⁱ ou funcionalistasⁱⁱⁱ. Há edificações mais conhecidas pela historiografia, como o Oceania e o Edifício Caramuru. Mas as publicações também apresentam muitos edifícios pouco conhecidos. Há edifícios que aparecem tanto nas páginas tanto da Revista Técnica quanto dos Catálogos. O artigo aponta que há semelhanças e diferenças no tratamento das fotografias dependendo das características dos edifícios e indica quais são as interpretações possíveis para isso.

2 – ZOOM IN

Entre os edifícios que constam nas publicações há aqueles com características neocoloniais, mas a maior parte apresenta os elementos desse repertório de forma simplificada. Existem algumas fotos dessas edificações que apresentam suas volumetrias de uma forma mais completa e compreensível, mas predominam enquadramentos nos quais as volumetrias aparecem de forma parcial, chamando atenção para as diversas partes da composição arquitetônica simultaneamente, embora sem se aproximar dos detalhes decorativos. O olhar percorre essas fotos de uma maneira desordenada, sem encontrar nenhum elemento que oriente seu percurso. Essa situação é acentuada pela constante presença da vegetação no primeiro plano, que distrai a atenção do observador. Pode-se perceber essa situação no tratamento dado para a **Residência para renda do Sr. Carlos Costa Pinto**^{iv} (figura 1), em algumas fotos da **Residência do Engenheiro Frederico Sá**^v, na **Residência do Sr. W. Verneck**^{vi} (figura 2), em certas fotos da **Associação Atlética da Bahia**^{vii} (figura 3), ou do **Clube Carnavalesco Fantoques da Euturpe**^{viii} (figura 4). Nas fotos internas existentes dos edifícios a câmara direciona-se principalmente para cada cômodo isoladamente e com independência dos espaços externos. E mesmo quando aparecem conexões entre os cômodos, essa situação não é o ponto que chama atenção nas fotografias. Internamente os edifícios são usualmente retratados sem pessoas e com a forte presença de mobiliário com muita ornamentação. O **Abrigo de Salvador**^{ix} e a **Creche da LBA**^x – edifícios nos quais perduram características neocoloniais mas já muito simplificadas – apresentam uma situação diferenciada. São retratados a partir de um ângulo que torna possível perceber a edificação no seu conjunto. Internamente cada cômodo da Creche da LBA é apresentado isoladamente.

Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Figura 1: Residência para Renda Sr. Carlos Costa Pinto

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária – 1946



Figura 2: Residência W.O. Verneck

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária – 1946



Figura 3: Associação Atlética da Bahia

Fonte: Revista Técnica 3, 1941



Figura 4: Clube Carnavalesco Fantoches

Fonte: Revista Técnica 6, 1941



Nas páginas das publicações constam edifícios que são totalmente ou parcialmente *déco*. São usualmente apresentados a partir de ângulos frontais ou laterais que possibilitam um enquadramento mais completo das edificações. Essas fotos reforçam uma compreensão mais ampla das suas geometrias: dos seus volumes, dos seus planos e das suas linhas. Isso acontece nas fotos da **Residência do Sr. Fernando Sá^{xi}** (figura 5), do **Edifício Dourado^{xii}** (figura 6), do **Edifício Oceania^{xiii}**, do **Edifício Chile^{xiv}**, do **Mercado de Salvador^{xv}** ou do **Hospital das Clínicas^{xvi}**. Também ocorre uma aproximação a partes dos edifícios, com a exposição de linhas, planos e volumes que se destacam, como também sucede nas fotos da parte posterior do **Hospital Santa Terezinha^{xvii}** e em várias fotos do **Edifício Bráulio Xavier^{xviii}**. Em outras circunstâncias a câmara foca em determinados elementos construtivos que aparecem repetidamente. Essa situação é notória em fotos do **Edifício Oceania**, que se aproximam de pilares, sacadas ou janelas marcando seu caráter repetido e dando assim um ritmo à observação da imagem. Certos edifícios aparecem relacionando-se com outros elementos presentes no contexto, como elementos naturais ou arquitetônicos. Essa situação assume uma proporção mais marcante no **Edifício Oceania**. Na foto da capa da edição de 1946 o edifício é mostrado conectando-se com diversos elementos do seu contexto. Em duas imagens elementos do Forte de Santo Antônio da Barra estão em primeiro plano e o edifício em um plano posterior (figura 9). Em outras fotografias a mureta e os casarões ecléticos da Barra são

Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

incluídos. Na edição de 1949 uma foto inusitada é inserida. Essa se destaca fortemente do restante da publicação por ocupar toda a página e por ser a única imagem colorida entre todas. Nesse caso no primeiro plano aparece uma baiana com seu tabuleiro e ao fundo o Edifício Oceania (figura 10). Também há uma série de fotos nas quais a vegetação aparece em primeiro plano e o edifício ao fundo. O interior dessas edificações aparece esporadicamente.

Figura 5: Residência Fernando Sá

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1946



Figura 6: Edifício Dourado

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1946



Figura 7: Edifício Bráulio Xavier

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1946



Figura 8: Edifício Oceania

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1946



Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade
 Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Figura 9: Edifício Oceania

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1946



Figura 10: Edifício Oceania

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1949



Nas fotos da **Residência do Eng. Carlos C. Pinto de Pinho**^{xix} (figura 11 e figura 12) a articulação dos volumes externos é destacada. Embora as fotos captem apenas partes dessa volumetria, percebe-se que existe um direcionamento do olhar, que é conduzido a partir das angulações formadas pelas linhas da edificação. Dessa forma tem-se uma leitura mais coerente do edifício. Há também transformações na apreensão dos cômodos internos. Nota-se que as imagens captam a espacialidade da casa e reforçam essa percepção através de enquadramentos que integram espaços tanto horizontalmente como verticalmente. Mas não há conexão com o espaço externo. Há que se observar a ausência de pessoas mas a presença de objetos, mas esses já se apresentam com linhas mais austeras.

Figura 11: Residência do Eng. Carlos C. Pinto de Pinho

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1946



Figura 12: Residência do Eng. Carlos C. Pinto de Pinho

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1946



A **Escola de Puericultura Raimundo de Magalhães**^{xx} (figura 13 e figura 14) apresenta certas peculiaridades. É edifício de difícil classificação, que embora já apresente uma concepção mais funcionalista, ainda mantém características *déco*. Nas edições de 1946 e 1949 do Catálogo aparecem as mesmas fotografias frontais da Escola de Puericultura. Mas na edição de 1949 é acrescentada uma outra foto que apresenta o edifício reformado. É tirada de um ângulo mais

Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade
 Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

afastado com um maior contraste. Nessa situação acaba-se ressaltando o caráter abstrato da edificação, a sua volumetria e seus planos. Note-se que no edifício reformado a ornamentação foi extraída e as paredes aplanadas. Internamente a edificação apresenta soluções claramente funcionalistas. As imagens presentes na Revista Técnica 2 e no Catálogo de 1949 (figura 15 e figura 16) focam na integração espacial dos ambientes, nas transparências e nos reflexos oferecidos pelos materiais. Essas duas reportagens praticamente repetem as mesmas imagens, mas na primeira essas são reforçadas por textos explicativos.

Figura 13: Escola de Puericultura R. Magalhães

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1949



Figura 14: Escola de Puericultura R. Magalhães

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1949



Figura 15: Escola de Puericultura R. Magalhães

Fonte: Revista Técnica 2, 1941.

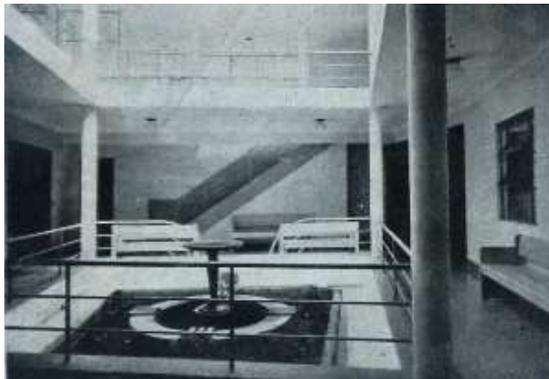


Figura 16: Escola de Puericultura R. Magalhães

Fonte: Revista Técnica 2, 1941.



Os edifícios modernistas com características funcionalistas são constantemente apresentados a partir de fotos que também destacam suas geometrias regulares e seus elementos seriados. Ou aparecem frontalmente ou lateralmente e com enquadramentos que marcam linhas perpendiculares ou perspectivadas, conduzindo o olhar do observador. Nota-se isso no **Edifício Chadler**^{xxi} (figura 17), no **Edifício Caramuru**^{xxii} e no **Edifício Wildberger** (figura 18)^{xxiii}. As fotos usualmente não focam em detalhes, limitando-se a apresentar os aspectos mais totalizantes das edificações. Essas são posicionadas no cenário da cidade, com a presença dos edifícios pré-existentes diluídos nos contextos e com a presença ao fundo de pessoas e carros circulando. Mas o **Edifício Caramuru** (figura 19 e figura 20) recebe um tratamento diferenciado. Parte das

Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade
 Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

fotos da publicação é realizada durante a sua construção, chamando atenção para a seus aspectos estruturais. Essa situação evidencia também o ritmo demarcado pelos componenetes da estrutura. As fotografias externas não focam no elemento que torna o edifício conhecido: seus *brises-soleil*.

Figura 17: Edifício Chadler

Fonte: Revista Técnica 5, 1941



Figura 18: Edifício Wildberger

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1949

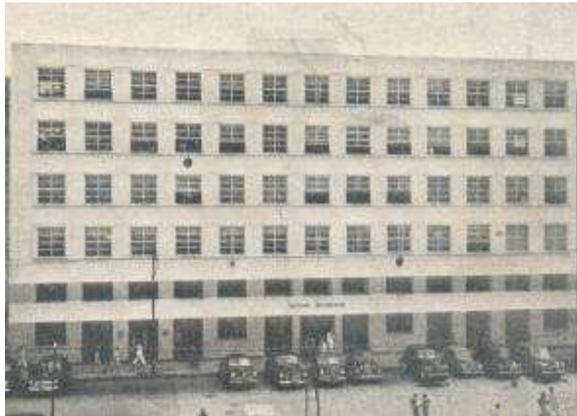


Figura 19: Edifício Caramuru

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1949



Figura 20: Edifício Caramuru

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1949



O **Edifício sede do IBIT^{xxiv}** consta nos dois catálogos. Também apresenta uma solução que possui um caráter mais funcionalista. Nesse caso não há uma foto mais completa que enquadre toda a edificação. Mas é possível compreender o edifício a partir das fotos parciais apresentadas. (figura 21 e figura 22) As fotos são tomadas de ângulos laterais que conduzem a observação da multiplicidade dos planos e volumetrias que criam a o edifício.

Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade
 Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Figura 21: IBIT

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1946

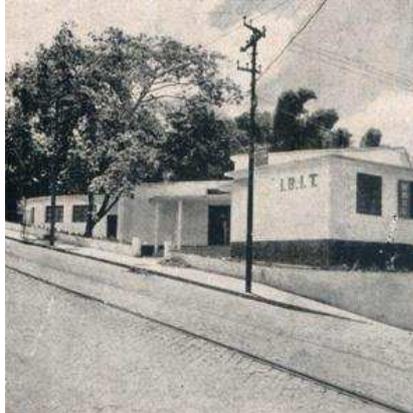


Figura 22: IBIT

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1946



Não há fotos internas do **Edifício Caramuru** ou do **IBIT**, apenas do **Edifício Chadler** e do **Edifício Wildberger**. Quanto ao **Edifício Chadler**, as fotografias internas mostram apenas detalhes do corredor e das janelas. Mas há um ensaio bastante extenso sobre o **Edifício Wildberger** que mostra indiscriminadamente tanto espaços compactos e com limites definidos como espaços amplos que se interconectam. Mais uma vez não aparecem conexões com o espaço externo. Nessas imagens o ambiente de trabalho está vazio, mas há a presença de mobiliário, tanto do tradicional como moderno.

Outra situação que merece ser examinada é a disposição das fotografias e dos textos no decorrer das páginas dessas publicações. Na maior parte das vezes não há uma ordem para a apresentação das fotos. A inicial é usualmente externa, apresentando os edifícios a partir das suas fachadas principais. Mas a partir daí, as fotos podem ser externas ou internas indiscriminadamente, apontando características mais amplas ou mais específicas de cada edificação. Não há uma preocupação em estabelecer uma narrativa para essas fotografias. Observam-se, entretanto, duas exceções. A primeira – e a mais notória – é a referente ao ensaio sobre o **Edifício Bráulio Xavier**^{xxv} (figura 23, figura 24, figura 25). Na foto inicial a fachada principal é vista frontalmente, emoldurada por um portão circundado por vegetação. Essa moldura define uma cena que conta com a presença de uma pessoa que se aproxima da câmara. Essa presença oferece a essa foto uma dimensão existencial pouco presente nas demais. Nas fotografias seguintes há uma aproximação à fachada principal, assinalando principalmente o aspecto dos volumes destacados das varandas. Nas três últimas imagens a câmara adentra o edifício a percorre seus ambientes internos, agora sem pessoas, mas com os seus rastros. Há um contraste das linhas austeras externas e da exuberância da decoração interna. Também parece haver uma organização das imagens na reportagem sobre a **Residência do Eng. Carlos C. Pinto de Pinho**. Essas inicialmente circundam a casa para posteriormente adentrarem no recinto, que também é exposto sem ninguém. Nas fotos a presença de mobiliário moderno é notória, em correspondência com as linhas externas da edificação.

Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade
 Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Figura 23: Edifício B. Xavier

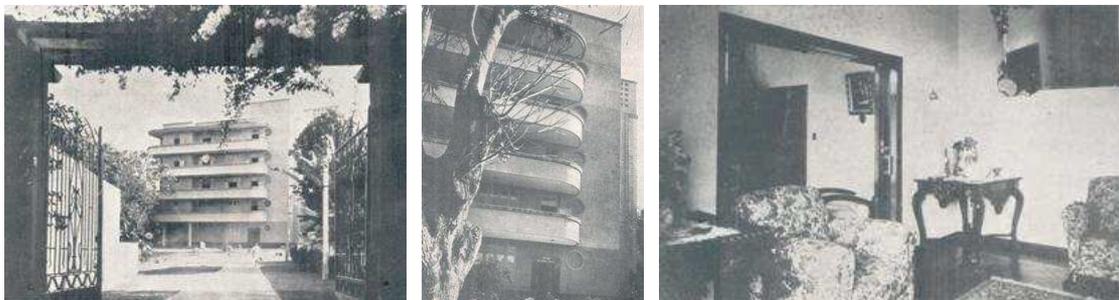
Figura 24: Edifício B. Xavier

Figura 25: Edifício B. Xavier

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1946

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1946

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1946



Nas primeiras e últimas páginas dos catálogos são inseridos os anúncios, que constantemente utilizam as mesmas fotografias que aparecem nos ensaios fotográficos sobre os edifícios. Nas suas partes centrais estão dispostos os ensaios sobre essas edificações. Nas páginas das revistas os textos sobre arquitetura e urbanismo aparecem intercalados com anúncios. Assim como acontece no caso dos catálogos, não há preocupação em criar uma narrativa a partir da inserção das fotografias.

As **legendas** também podem interferir na apreensão das imagens. Nos catálogos são usualmente curtas e descritivas. Apenas no caso do **Edifício Oceania** é colocada a seguinte legenda: “O Antigo e o Moderno – a multiseccular fortaleza da Barra e o magestoso Edifício Oceania”. Mas nas páginas da **Revista Técnica** existem legendas que se tornam mais extensas e explicativas. Tornam-se elementos que direcionam o olhar do observador. Na **Associação Atlética da Bahia** as legendas assinalam o caráter pintoresco da edificação. No **Edifício Bráulio Xavier** as legendas apontam precisamente as características formais da edificação e os efeitos de luzes e sombras existentes. As legendas também reforçam a existência de uma relação complementar e não contraposta entre os elementos abstratos e os naturais apresentados nas imagens.

Certas fotos que aparecem nos ensaios também são utilizadas nos anúncios dos Catálogos e das Revistas. Constantemente as suas características são mantidas, mas em certas ocasiões são modificadas suas dimensões ou são destacados determinados elementos. Esse é o caso da publicidade da Cerâmica São Caetano, que utiliza uma mesma foto da Associação Atlética da Bahia já apresentada na Revista Técnica 3, mas evidencia justamente os elementos cerâmicos presentes na imagem. (figura 26 e figura 27). As fotos também são complementadas com textos dos anúncios de materiais de construção, de acabamentos, de profissionais ou até mesmo de bancos e seguradoras (figuras 28 e 29). Em muitas dessas publicidades são indicadas as matrizes e as filiais soteropolitanas dos comércios e serviços apresentados. Nas Revistas aparecem anúncios tanto obras realizadas pela Companhia Brasileira Imobiliária e de Construção quanto outras, como a Christiane & Nielsen, Empresa Comercial de Construções, Leibnitz e Adelson, etc. A tipografia utilizada é constantemente moderna, com padrões simplificados e pouco variados, para passar da forma mais direta possível as informações transmitidas. Mas em certas ocasiões aparecem tipos simplificados misturados com outros mais elaborados que imitam escrituras manuais, não se podendo perceber dessa forma uma característica comum a todas. Mas essa mistura é aplicada em edifícios com características diferenciadas, tanto neocolonais, déco ou modernistas.

Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Figura 26: Associação Atlética da Bahia

Fonte: Revista Técnica 3, 1941



Figura 27: Associação Atlética da Bahia

Fonte: Revista Técnica 3, 1941



Figura 28: Edifício Oceania

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1946



Figura 29: Edifício Oceania

Fonte: Cia Brasileira Imobiliária, 1946



A **REVISTA TÉCNICA** é uma publicação bimensal realizada pelo Órgão Oficial do Sindicato de Engenheiros da Bahia e tem 25 números publicados entre 1941 e 1947. A Revista conta com um editor, diretores técnicos, diretores comerciais e redatores. No decorrer dos números consultados da Revista, os únicos participantes que permanecem em todos os números são o editor Ernani Caricchio e o diretor técnico Miguel Calmon Sobrinho.

A Revista Técnica é produzida por engenheiros e arquitetos. Entre os engenheiros, destaca-se o nome do diretor já mencionado, Miguel Calmon Sobrinho (1912-1967). É uma personalidade importante na Bahia, atua como professor e reitor da UFBA, deputado federal, ministro da

fazenda e diretor do Banco Econômico da Bahia. Entre os redatores chamam a atenção as presenças do engenheiro e professor Walter Gordilho (1917-2009), do arquiteto, engenheiro e professor Américo Simas Filho (1916-1981) e do arquiteto Hélio Duarte (1906-1989)^{xxvi}. O último forma-se no Rio de Janeiro e em 1938 transfere-se para Salvador para assumir a função de professor e arquiteto coordenador da Companhia Brasileira Imobiliária e de Construções, permanecendo até 1944, para posteriormente gerenciar a filial paulista da empresa (1945-1947).^{xxvii} Aparece apenas uma indicação da autoria dos “clichés”, realizados por um certo Marçal Tosca.^{xxviii}

Há uma diferenciação no tratamento dos textos e das suas fotos complementares enquanto Hélio Duarte é redator. Constata-se que nas sete primeiras edições a presença da arquitetura – de todas as correntes existentes – é mais marcante na revista, tornando-se posteriormente mais escassa. Nos primeiros números aparecem mais fotos de edifícios executados, enquanto nos últimos há mais desenhos de projetos. Nota-se também que nos primeiros números da revista aparecem edifícios projetados por Hélio Duarte, como o **Edifício Bráulio Xavier**, o **Edifício Chadler** e a **Escola de Puericultura Juracy Magalhães**. O tratamento das fotografias também muda a partir da Revista número 8. Percebe-se que há muito menos rigor nos últimos números da Revista Técnica, com enquadramentos que não captam por completo as volumetrias dos edifícios e nem seus detalhes mais relevantes.

Na Revista Técnica não há um padrão nem para os textos e nem para as tipografias utilizadas. Os conteúdos por vezes são mais extensos ou mais curtos, mais descritivos ou mais explicativos.

Os anunciantes são fundamentais para a viabilização das Revistas. Para que sua participação aconteça há chamadas nas próprias Revistas. São apresentadas três razões para estimular os anunciantes:

“ 1ª – 100 % dos seus leitores são Engenheiros e Construtores, que consomem material de construção, constantemente em suas obras; 2ª - É consultada anos a fóra, de modo que os vossos anuncios perduram consideravelmente. 3ª - São leitores pessoas de condição liberal, que PODEM e adquirirão as vossas mercadorias e materiais” (SIC, CARICCHIO, 1941-1942, s/p)

Já o **CATÁLOGO DA CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES** é produzido por uma construtora fundada em 1937 pelos engenheiros Carlos Costa Pinto de Pinho^{xxix} e Frederico Espinheira de Sá para difusão das suas realizações. Entre os profissionais atuantes na construtora está Hélio Duarte e entre os colaboradores o escritório carioca Freire e Sodré.^{xxx} O diretor dos Catálogos é o mesmo diretor comercial da Revista Técnica, Ernani Caricchio. Apenas existe uma indicação no Catálogo de 1946 sobre os propósitos da publicação:

“Com a presente publicação visamos, tão somente, divulgar e demonstrar, as nossas realizações no setor da industria de construções civis, em nossa terra, a despeito das enormes dificuldades e obstaculos que lhes entram o progresso e pleno funcionamento, mormente no que tange a falta de certos materiais necessarios ao nosso mister, bem como a escassez de transportes. (...) Seria justiça imperdoavel de nossa parte, esquecer o quanto devemos aos nossos operarios, de todas as categorias, que contribuem com seu esforço e competencia para a construção dos predios cujas fotografias ilustram este Album.” (SIC, CARICCHIO, 1946, s/p)

Percebe-se assim que as duas publicações são realizadas a partir da iniciativa de renomados profissionais relacionados com a construção civil, tanto na sua prática quanto no seu ensino. É muito significativo que tanto o editor quanto o principal arquiteto da Cia Brasileira Imobiliária e de Construções tenham presença marcante em ambas as publicações.

3 – ZOOM OUT

A partir da observação das fotos presentes nas duas publicações é possível realizar certas ponderações sobre suas funções como reprodutoras ou produtoras da realidade. Essa discussão aparece desde a constituição da fotografia, que passa a substituir a pintura como o suposto mecanismo mais apropriado para reproduzir fielmente a realidade. Mas, tal como afirma John Berger, a imagem fotográfica não é isenta, imparcial. Há que se considerar que a máquina fotográfica é um aparato mecânico que é manipulado pelo homem, que apresenta a realidade de diferentes modos, direcionados pelo seu operador.

“A palavra imagem significa imagem feita pelo homem. Uma imagem é uma vista que foi criada ou reproduzida. É uma aparência (...) que foi isolada do local e do tempo em que primeiro se deu o seu aparecimento.” (BERGER, 1972, p:13)

Pode-se entender as fotos das publicações examinadas dentro desse sentido de produção da realidade e não meramente como sua reprodução. Essa produção se dá através de diferentes artifícios que estabelecem relação com as características dos edifícios fotografados, tal como já foi assinalado anteriormente.

Nas publicações percebe-se que existe uma opção pelas partes da realidade soteropolitana que devem ser apresentadas. Dessa forma, são selecionadas as manifestações arquitetônicas modernas de uma cidade que passa por um processo de modernização. Mas essa opção exclui a participação de outras arquiteturas da cidade, tanto formais quanto informais.

Se a arquitetura informal soteropolitana é completamente excluída, a arquitetura formal que conforma a cidade é incluída apenas pontualmente e parcialmente. Em certas fotos aparecem pedaços de edifícios coloniais e ecléticos, mas suas inserções não são propositais, mas circunstanciais. Apenas nas fotos referentes ao Edifício Oceania a inclusão de uma edificação colonial parece ser consciente, indicando uma contraposição do moderno com o tradicional.

Existem outros elementos que atuam nessa produção de uma realidade à parte. Pode-se dizer que as fotos concentram-se em destacar as características intrínsecas das arquiteturas, evitando incluir elementos que interfiram na sua observação. Assim, a presença de pessoas nas fotos é muito escassa. Em determinadas cenas externas os transeuntes e carros da metrópole em formação aparecem circulando diante das edificações, mas suas presenças são muito discretas. Nas cenas internas as pessoas praticamente estão ausentes, com raras exceções. Nas fotos da Sede da LBA aparecem crianças dispostas em um cenário absolutamente ordenado, indiferente ao que se poderia esperar de um espaço ocupado por elas (figura 30). A inexistência de pessoas condiz mais com as intenções das imagens de evidenciar um espaço abstrato, conformado apenas a partir das suas características intrínsecas, como nas imagens do interior do Edifício Wildberger (figura 31).

Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Foto 30: Centro da LBA

Fonte: Revista Técnica 1, 1941



Foto 31: Edifício Wildberger

Fonte: Cia. Brasileira e Imobiliária, 1949



Entretanto, é interessante notar como a vegetação é inserida nas imagens como uma complementação (no caso das arquiteturas neocoloniais) ou como um contraponto (no caso das arquiteturas *déco* e funcionalistas) à edificação fotografada. Estabelece-se uma relação entre a natureza e o artifício que também afeta na produção dessas fotografias .

A partir de todas essas observações, pode-se intuir que essas fotos abstraem a realidade existente para apresentar a arquitetura. Mas há também nuances no modo como se dá essa abstração, dependendo da corrente arquitetônica retratada. Nas fotos das arquiteturas neocoloniais predominam exposições dispersas e desordenadas das partes das edificações, que se complementam com a inserção da vegetação. Nas demais arquiteturas o foco costuma a transitar entre todo e as partes, mas sempre procurando oferecer uma compreensão mais precisa dos contornos dos elementos conformadores da edificação e das suas relações com esse todo. É clara a intenção de valorização das geometrias conformadoras dessas edificações, dos seus volumes, planos, linhas e ritmos.

Nesse sentido, essas fotos apresentam uma realidade parcial que destaca as arquiteturas modernas correntes e ocultam as demais arquiteturas existentes na cidade. Mas não se trata apenas disso. Essas fotos também são realizadas a partir de uma percepção mais condizente com a modernidade, que está plenamente relacionada com a ideia da abstração difundida pelas correntes artísticas modernas. E ao aderirem a essa situação, essas fotos tornam-se poderosos elementos no sentido de transformar e afinar a percepção dos leitores das publicações, que devem se acostumar com essas arquiteturas austeras, com rigorosas geometrias e escassa presença de ornamentação. Esses espectadores são, afinal, potenciais consumidores dessas arquiteturas de ruptura.

John Berger assinala que a editoração também pode interferir na assimilação das fotografias. Seus posicionamentos nas páginas das publicações, a inserção de explicações ou outros elementos podem afetar as possibilidades da sua apreensão e interpretação. (BERGER, P.32). Colomina reafirma as observações de Berger:

“A função da fotografia não é refletir, como em um espelho, a arquitetura tal como é construída. A construção é um momento significativo do processo, mas não é o seu produto. A fotografia e a editoração constroem outra arquitetura no espaço da página.” (COLOMINA, 1996, p:114 e 118 – tradução da autora)

A editoração utilizada nas publicações também interfere na percepção das fotos. Assim como foi exposto, as legendas das imagens das publicações examinadas são frequentemente curtas e diretas, com poucas excessões. Essa situação faz com que o espectador direcione sua atenção diretamente para a foto, sem intermediação. De certa forma, a ausência de comentários pode colaborar para uma atenção às características arquitetônicas intrínsecas apresentadas pelas fotos, confirmando assim suas dimensões abstratas.

Tal como foi comentado, as fotos dos ensaios dispostos nas publicações também são utilizadas para a realização dos anúncios. As mesmas fotografias aparecem várias vezes, sendo ampliadas, recortadas, coloridas e complementadas com textos. São usadas como difusão de determinados materiais, técnicas, serviços e profissionais ligados à construção civil. Através da repetição das fotos e sua inserção em anúncios diferentes, torna-se possível persuadir os leitores de que existe uma relação entre a arquitetura avançada que está sendo construída na cidade e os materiais, técnicas, serviços e profissionais existentes. Desta forma, as publicações e seus anúncios se estabelecem não apenas como um meio de divulgação das arquiteturas modernas, mas também do próprio processo de modernização soteropolitano. Uma coisa aparece totalmente relacionada com a outra.

Assim, uma característica que é intrínseca ao meio fotográfico afeta a sua produção e difusão: a sua reprodutibilidade. Essa mesma característica é fundamental também para a existência dessas publicações e isso colabora tanto para as suas difusões quanto para suas assimilações por parte do público.

As publicações são consideradas como um campo construído, que tem suas próprias implicações e conotações. Estão relacionadas não apenas com os seus produtores, mas também com o papel que eles assumem dentro do contexto da produção da cidade moderna. A apresentação das posições e das articulações dos profissionais que concebem essas publicações é de fundamental importância para o estabelecimento das suas possíveis compreensões. O historiador Michel de Certeau realiza uma argumentação sobre a operação historiográfica que aponta essa necessidade de realizar uma reflexão que situe os locais de produção dos documentos:

“Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que está circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses.” (CERTEAU, 1982, p.:56)

Assim, há que se considerar que as Revistas e os Catálogos são publicações realizadas por profissionais – engenheiros, arquitetos que são também professores – com amplas influências em Salvador. O caso mais notório é certamente Miguel Calmon Sobrinho, que também exerce uma função política. Esses profissionais também estão consideravelmente relacionados com outros atuantes em outras partes do país, como no caso do arquiteto Hélio Duarte.

Nos editoriais das publicações fica claro que as suas intenções não são apenas difundir as arquiteturas mais modernas realizadas na cidade, mas também fomentar a sua modernização. Por tanto, as publicações tornam-se um importante meio para persuadir a sociedade e o governo de que o “progresso” já despontou na cidade – e certamente também no país –, mas cabe um esforço coletivo para que ele de fato se realize. Mas essas publicações excluem do seu conteúdo as manifestações arquitetônicas informais dessa outra cidade que se realiza nos

interstícios desse mesma modernização que está sendo estimulada, evidenciando seu caráter parcial.

As fotos dispostas nas publicações são muito mais comprometidas com a produção de uma realidade do que com a sua representação. Essa situação é acentuada pelas suas características intrínsecas, pelas suas disposições e utilizações nos textos, pelas suas inserções nos seus contextos editoriais e pelas circunstâncias mais amplas da sua produção e das suas relações com os contextos do modernismo e da modernização soteropolitana.

Certamente essa relação entre arquitetura moderna e fotografia não acontece apenas em Salvador. Em todo o território nacional ou até mesmo nas circunstâncias internacionais, esses dois meios de expressão artística constantemente aparecem conectados entre si e relacionados com dimensões mais amplas da difusão e consolidação do modernismo, da modernização.

4 – AGRADECIMENTOS

Agradeço a Nivaldo Andrade por me facilitar o acesso aos dois catálogos da Cia Brasileira Imobiliária de Construções e a Frederico Mendonça por permitir o uso das imagens desses catálogos.

5 – REFERÊNCIAS

ATIQUÉ, Fernando. Urdiduras continentais no debate acerca do *Mission Style*. Notas sobre o Pan-Americanismo da Arquitetura Neocolonial. In: *Revista ANPHLAC*. n.10, janeiro-junho de 2011. Disponível em: <http://revista.anphlac.org.br>. Acesso em maio de 2012.

BERGER, John. *Modos de ver*. Lisboa: Edições 70, 1972.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I – Magia, técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CARICCHIO, Ernani. *Cia. Brasileira Imobiliária de Construções S.A., Bahia*. Salvador: Imprensa Vitória, 1946, _____, *Cia. Brasileira Imobiliária de Construções S.A. Bahia*. (2º Tomo). Salvador: Imprensa Vitória, 1949.

CARICCHIO, Ernani. *Revista Técnica*. Salvador: sem editora, 1941 a 1947.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

COLOMINA, Beatriz. *Privacy and publicity. Modern Architecture as Mass Media*. Woburn: MIT Press, 1996.

COSTA, Eduardo. Fotografia de arquitetura – uma escrita da cultura. In: *Arquitextos*, n.237.04, outubro 2011. Disponível em: www.vitruvius.com.br. Acesso em maio de 2012.

RUBIES, Edmundo; RUBIES, Jorge. São Paulo: o estilo missões. In: *Piratininga.org*. Disponível em: <http://www.piratininga.org>. Acesso em maio de 2012.

SCHLEE, Andrey; FISCHER, Sylvia. *Bahia – um outro modernismo: paralelo e escamoteado*. Salvador: Anais do II DOCOMOMO N-NE, 2008.

TAKIYA, ANDRÉ(org). *Escolas Classe Escola Parque/ Hélio Queiroz Duarte*. São Paulo: FAU/USP, 2009.

NOTAS

ⁱ A arquitetura neocolonial brasileira assume diferentes facetas. Relaciona-se por um lado com a recuperação dos elementos da arquitetura colonial brasileira, mas por outro pode ser considerada como uma extensão das características da arquitetura portuguesa. Fernando Atique chama atenção também para a inserção no Brasil de outra corrente neocolonial, a hispanoamericana. Essa possui algumas características comuns e outras diferenciadas com relação à corrente luso-americana. Conforme Edmundo e Jorge Rubies, a corrente hispanoamericana – e mais

especificamente o estilo *missões*, difere-se da lusoamericana na elaboração das plantas (que são mais irregulares), pela maior liberdade na composição dos telhados, pelo intenso jogo de volumes, com a constante inclusão de uma torre circular que usualmente recebe uma escada em hélice, pela presença de arcos ogivais com base larga. Ver: <http://www.piratinga.org>

ⁱⁱ A arquitetura *déco* brasileira as novas técnicas construtivas e os novos materiais utilizados não contribuem para mudanças espaciais e funcionais profundas. Mas são introduzidas algumas mudanças que procuram adaptar o estilo para as novas condições da modernidade. Embora aconteça a superação de algumas referências históricas, outras perduram. De qualquer forma, os recursos decorativos são tratados de um modo mais apropriado para os novos tempos: passam por um processo de abstração que os torna mais geometrizados e simplificados. E também são inseridas novas referências, relacionadas tanto com os movimentos das Vanguardas artísticas como com os símbolos da modernidade: carros, navios, aviões, etc. Mas essas referências também passam por um processo de abstração.

ⁱⁱⁱ As arquiteturas modernistas funcionalistas introduzem inovações pronunciadas. Constantemente realizam-se a partir de parâmetros de racionalização e seriação. São adotadas estruturas regulares que se apresentam de modo independente, possibilitando flexibilidade na distribuição das plantas e na conformação das fachadas. Influenciam também na disposição da circulação e do programa. São essas as principais circunstâncias que apontam a definição formal. Constantemente a forma encontrada que melhor corresponde à função é a regular, delimitada por volumes geométricos simples ou compostos, que se articulam de diferentes maneiras.

^{iv} Não há referência ao autor do projeto ou data de construção. Ver: CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES: 1946, s/p.

^v Não há referência ao autor do projeto ou data de construção. Ver: CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES: 1946, s/p.

^{vi} Projeto de Diógenes Rebouças e Jaziel/Empresa Comercial de Construções. Ver: CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES: 1946, s/p.

^{vii} Não há referência ao autor do projeto ou data de construção. Ver: REVISTA TÉCNICA 3: 1941, s/p.

^{viii} Não há referência ao autor do projeto ou data de construção. Ver: REVISTA TÉCNICA 6: 1941, s/p.

^{ix} Não há referência ao autor do projeto ou data de construção. Ver: REVISTA TÉCNICA 7: 1942, s/p

^x Não há referência ao autor do projeto ou data de construção. Ver: CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES: 1949, s/p

^{xi} Não há referência ao autor do projeto ou data de construção. Ver: CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES: 1946, s/p

^{xii} Projeto do arquiteto Arézio Fonseca/ Companhia Brasileira de Construções da Bahia/1937-1938. Ver: CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES: 1946, s/p e REVISTA TÉCNICA 2: 1940, s/p.

^{xiii} Projeto dos arquitetos Freire e Sodré/Companhia Brasileira Imobiliária e de Construções, 1937-1944.

^{xiv} Não há referência ao autor do projeto, 1935-1946. Ver: CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES: 1946, s/p e REVISTA TÉCNICA 3: 1941. Trata-se do edifício sede da construtora.

^{xv} Não há referência ao autor do projeto ou data de construção. Ver: REVISTA TÉCNICA 6: 1941, s/p

^{xvi} Projeto dos arquitetos H.G. Pujol Jr. e Ernesto Sampaio Freitas/ Construtora Nathan Straus-Duparquet, 1931-1948. Ver: REVISTA TÉCNICA 17: 1945, s/p

^{xvii} Projeto da Construtora Norberto Odebrecht, 1939-1942. Ver: REVISTA TÉCNICA 6: 1941, s/p. e CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES: 1949, s/p

^{xviii} Projeto do arquiteto Hélio Duarte/ Cia. Brasileira Imobiliária e de Construções, 1939.. Ver: REVISTA TÉCNICA 1: 1940, s/p e CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES: 1946, s/p.

^{xix} Projeto de Freire e Sodré, sem data da construção. Ver: CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES, 1946 e 1949.

^{xx} Projeto do arquiteto Hélio Duarte/Antecessores da Cia. Brasileira Imobiliária e de Construções, 1937. Ver: REVISTA TÉCNICA 2: 1940, s/p e CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES: 1946, s/p.

^{xxi} Projeto do arquiteto Hélio Duarte/Cia de Melhoramentos urbanos. Ver: REVISTA TÉCNICA 5: 1941, s/p

^{xxii} Projeto Paulo Antunes Ribeiro/ Cia. Brasileira Imobiliária e de Construções, 1946-1949. Ver: CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES: 1949, s/p.

^{xxiii} Não há referência ao autor do projeto ou data de construção. Ver: CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES: 1949, s/p.

^{xxiv} Projeto do arquiteto Hélio Duarte/ Cia Brasileira Imobiliária de Construções, 1942. Ver: CIA BRASILEIRA IMOBILIÁRIA E DE CONSTRUÇÕES: 1946 e 1949, s/p.

^{xxv} Projeto do arquiteto Hélio Duarte/Cia de Melhoramentos Urbanos, 1941. Ver: REVISTA TÉCNICA 5: 1941.

Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

^{xxvi} Segundo Schlee e Ficher, Hélio Duarte “havia se formado na Escola Nacional de Belas Artes em 1930. Não fora aluno de Alexandre Buddeüs ou de Atílio Corrêa Lima, mas recebeu a mesma sólida qualificação de outros arquitetos de sua geração. Recémformado trabalhou ao lado do arquiteto Nestor de Figueiredo, elaborando os Planos de Remodelação e Extensão do Bairro de Santo Antônio do Recife e o Plano de Remodelação e Extensão de Fortaleza, ambos de 1932.” (SCHLEE, FICHER, 2008)

^{xxvii} Ver: (SEGAWA, apud TAKIYA, 2009: 27-48) e (SCHLEE, FICHER: 2008)

^{xxviii} Essa indicação aparece no texto de comemoração de 1 ano da publicação na Revista Técnica 6, 1942.

^{xxix} Segundo Paulo Ormino Azevedo, o principal acionista da Cia Brasileira Imobiliária e de Construções era o engenheiro Carlos Costa Pinto Pinho, “sobrinho e filho adotivo do maior colecionador de arte da Bahia [Carlos de Aguiar Costa Pinto].” Ver: (AZEVEDO, 1988:17)

^{xxx} Ver: (AZEVEDO, 1988: 18)